

Sexta, 20/2/2009

CGM
on line**Clipping Especial**
CORREIO BRAZILIENSEData:
26 de junho de 2002Editoria:
Online

A Controladoria

LRF

Clipping

Publicações

Textos
selecionados

Ouvidoria

Auditorias

Resoluções

Prestação de
ContasContas
públicasInformações
Gerenciais

D.O. on line

Informes

Links

Fale conosco

As senhoras do crime

As famílias italianas agora têm diversas chefonas cuidando do trabalho sujo

Raul Moreira
Especial para o Correio

Roma — No imaginário coletivo, a máfia é uma instituição masculina. Pudera. Na literatura e, principalmente, no cinema — que o diga a trilogia O Poderoso Chefão de Francis Ford Coppola —, as mulheres sempre são estereotipadas como fiéis esposas, quando não matriarcas que fecham os olhos diante dos desmandos dos machos da casa, sejam pais, maridos, filhos, irmãos ou qualquer coisa do gênero.

No entanto, a julgar pelas ocorrências policiais, principalmente no sul da Itália, realidade é outra. Mais do que nunca, as mulheres aparecem como elementos importantes nas organizações criminosas e ocupam até cargos de chefona. Segundo os estudiosos de plantão, a explicação para o fenômeno é muito simples: como os "capi" (chefões) estão acuados pela Justiça, que vem endurecendo a repressão nos últimos anos, as mulheres acabaram assumindo o comando das famílias mafiosas.

Uma vez no poder, mostram-se eficientes e utilizam de expedientes que não deixam nada a invejar aos chefões, inclusive nos requintes de violência. Há pouco mais de duas semanas, por exemplo, mulheres de uma mesma família mafiosa assassinaram outras de um clã rival. O crime, considerado bárbaro, já que as execuções foram utilizadas inclusive armas calibre 45, repercutiu em toda a Europa e derrubou o mito de que o trabalho sujo na máfia deveria ser feito exclusivamente por homens e nunca contra mulheres e crianças.

A chacina aconteceu por motivos de honra, em Quindici, distrito de Avelino, sul da Itália. Depois de uma discussão que começou no cabelereiro, o clã feminino de Graziano, para se vingar de uma humilhação, uma vez que tomou bordoadas em público, atocaiou numa estrada as três rivais do clã dos Cava. Tendo o apoio dos homens da família, as mulheres fecharam o carro no qual encontravam-se os desafetos e dispararam dezenas de tiros. Depois, como registraram as interceptações telefônicas feitas pela polícia, que coincidentemente controlava o grupo, comemoraram. "Viu, acabamos com aquelas vacas!", disse uma delas.

Comando

Como não poderia deixar de ser, o crime acabou chocando a opinião pública italiana e fez vir à tona uma realidade que a rica Itália gostaria de esquecer: a máfia continua ativa e agora, mais do que nunca, as mulheres estão inseridas, inclusive no comando. A nova realidade abriu uma série de debates. Em um deles, realizado em Palermo, se discutiu se a presença das mulheres na máfia seria capaz de mudar o perfil das famílias ou mesmo a estratégia de combate da polícia.

Apesar de tratar-se de um fenômeno interessante sob o ponto de vista sociológico, são poucos os livros que abordam o tema da participação de mulheres em organizações mafiosas. "Se pesquisar a máfia enquanto ambiente masculino já é complicado, imagine fugir a relação das mulheres nas organizações criminosas", diz Alessandra Dino, pesquisadora da Universidade de Palermo e autora de dois

livros a respeito do assunto, um dos quais, Mutazioni, lançado recentemente. “Não diria que o feminismo chegou à máfia, mas as mulheres estão muito mais ativas dentro das atividades criminosas”, diz.

Em Mutazioni, Alessandra deixa claro que a presença feminina na máfia é um fato reconhecido pelo Estado. “Sente-se a presença das mulheres a partir do momento em que a Justiça italiana reconhece o envolvimento delas e dispensa tratamento igual aos dos homens”, avalia, acrescentando que, apesar dos vários casos registrados em mais de 100 anos de “literatura mafiosa”, de uma maneira geral a Justiça sempre foi branda para com as mulheres. “Nas décadas passadas, apesar da explícita participação em grupos criminosos, muitas foram poupadas, uma vez que eram consideradas vítimas de algo muito maior e do qual não podiam fugir.”

Oficialmente, a Justiça italiana não revela quantas mulheres estão respondendo processos por participação em ações mafiosas. Porém, dados referentes ao ano de 1995 deixam supor que seriam centenas. Somente naquele ano, 89 estavam indiciadas, por motivos os mais variados. Muitas foram parar na cadeia, mas, exemplo do que acontece no Brasil com os chefões do tráfico de drogas, continuaram a comandar os seus grupos.

Filme

A primeira mafiosa que ganhou as páginas dos jornais foi Aurelia Maraz Imbassino, em 1904. Naquele ano, a Justiça reconheceu que ela chefiava uma família na Calábria. Na época, como indicam os registros, tratou-se de um escândalo que indignou inclusive os chefões, que consideravam absurdo que uma mulher estivesse à frente de uma família mafiosa.

No entanto, a mafiosa mais famosa da Itália é Pupetta Maresca. Em 1995, assassinou a tiros o suposto executor do seu marido, o chefe Pascalone. Ela tinha somente 20 anos e estava grávida. Presa, deu à luz no presídio e virou um mito em Nápoles. Após cumprir pena, teve mais dois filhos com outro mafioso, Umberto Ammaturo. Pupetta chegou a tentar a carreira de atriz, mas a sua inclinação era mesmo o crime, tanto que tornou-se uma agiota de prestígio. A sua história virou um filme (La Sfida), dirigido por Francesco Rossi.

Depois do caso Pupetta, foram necessários muitos anos para que viesse à luz outro escândalo de máfia envolvendo uma mulher. Era 1993 quando, depois de um longo período foragida, Rosetta Cutolo entregou-se à Justiça. Respondeu, depois, a nove acusações de assassinato, dos quais teria sido a mandante. Foi absolvida de todas por falta de provas. A sua vida no crime começou ao substituir o irmão Raffaele no comando da Nuova Camorra Organizzata, depois que ele foi parar atrás das grades.

No entanto, a mais perigosa das camorristas só foi presa no ano passado. Depois de anos foragida da Justiça, Maria Licciardi, conhecida como “Lady Camorra”, finalmente foi apanhada pela polícia, depois de escapar de nove operações de captura. Acusada de vários assassinatos, destacou-se pelo seu caráter genioso. Para não aceitar que um grupo rival vendesse drogas em Nápoles, começou uma guerra entre clãs que resultou em 13 mortes.

Na verdade, pelo fato de tratar-se de uma instituição de raiz masculina, uma vez inseridas na máfia, as mulheres são obrigadas a fazer um “esforço extra” para conquistar a confiança da família. Assim, exageram na violência e mostram-se também mais determinadas do que os homens. O resultado, no caso, se vê nesses episódios como o de Nápoles e o de Quindici, onde o clã feminino dos Graziano não hesitou em eliminar de forma cruel três “companheiras de crime”, uma das quais menor de idade.

[\[Voltar\]](#) [\[Alto\]](#)